



2531 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)  
Eixo Temático 01 - História da Educação

Espaço e tempo escolares na classe secundária experimental do Colégio Santa Cruz (1959-1962)  
Stefanie Schreiber - UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

#### Resumo:

Classes experimentais é o nome dado a turmas de colégios públicos ou privados que aderiram ao movimento de renovação que foi autorizado pelo Ministério da Educação em 1958, por meio de legislação específica que regulamentava e autorizava o ensaio de novos modelos e práticas educacionais no ensino secundário brasileiro. Elas foram colocadas em marcha em cursos ginasiais (4 anos) e colegiais (3 anos) de instituições que demonstrassem estabilidade financeira e notória qualidade de ensino. Neste trabalho, fazemos uma reflexão sobre o uso do espaço e do tempo na classe secundária experimental do Colégio Santa Cruz de São Paulo (SP), uma das escolas católicas pioneiras nessa renovação pedagógica. Durante os quatro anos do curso ginasial, o corpo pedagógico do colégio que tomou frente da experiência utilizou do Ensino Personalizado e Comunitário, gestado em Paris desde meados da década de 1940, pelo padre jesuíta Pierre Faure a partir da tradição educacional católica e do movimento da Escola Nova. O nosso foco é, portanto, investigar o espaço e o tempo em um colégio católico que implantou a proposta de ensino personalizado e comunitário de Pierre Faure.

**Palavras-chaves:** Renovação Educacional; Renovação Educacional Católica; Ensino Personalizado e Comunitário; Pierre Faure.

#### Espaço e tempo escolares na classe secundária experimental do Colégio Santa Cruz (1959-1962)

089.425.989-00

#### Introdução

Apropriamo-nos das reflexões de Viñao Frago (1998) sobre os espaços e tempos escolares para lançar novas questões, análises e abordagens com o intuito de compreender em nossas pesquisas a escola como uma instituição com determinada realidade cultural e material. De acordo com o autor, inspirado no livro *El espacio social y material de la escuela*, de Jaume Trilla, há uma lacuna no que se refere à importante questão tanto do tempo escolar quanto do espaço escolar, principalmente quando relacionados à história da escola como lugar e sua realidade material (VIÑAO FRAGO, 1998). Através de suas indicações para uma nova análise histórica dos “estatutos, regulamentos, discursos, memórias” e de outras fontes que se apresentavam até então desassociadas da cultura escolar como “autobiografias e diários, os relatórios das visitas de inspeção, as descrições do edifício, das salas de aula ou da vida escolar em geral” (VIÑAO FRAGO, 1998, p. 14), dissertaremos neste texto sobre os novos usos do tempo e do espaço escolar da classe secundária experimental do Colégio Santa Cruz, localizado na cidade de São Paulo, de 1959 a 1963.

Para a análise documental deste artigo, entendemos o documento como uma fonte de pesquisa que deve ser analisada e problematizada. Segundo Le Goff (2003), o documento é monumento e, por causa disso, deve ser questionado, pois resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si. Ele salienta que é fundamental a presença do historiador para problematizar a autenticidade do documento e submetê-lo a uma crítica radical. Procuramos, dessa forma, analisar as fontes e os sujeitos que as produziram e como foram produzidas, as intervenções que o documento passa e a quem é destinado, buscando nesses passos confrontar diferenças e naturalidades. A abordagem proposta por Viñao Frago (1998) aproxima-se das discussões da Nova História Cultural por considerar novas perspectivas e diferentes olhares sobre objetos de pesquisa. A Nova História é uma corrente historiográfica que, de acordo com Burke (1992), conquistou espaço na historiografia com os escritos de Le Goff, da década de 1970 e 1980, principalmente os três volumes “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos”. É uma história-problema que pretende uma nova maneira de pensar, sentir e fazer História, estendendo-se nas discussões sobre os novos direcionamentos nos estudos do cotidiano escolar, trazendo uma multiplicidade de enfoques. Aos poucos, também conquista espaço entre os historiadores e, conseqüentemente, influência na maneira de pensar e elaborar o conhecimento histórico a ser pesquisado. Entendemos também que existe uma relação entre o texto em si, o comunicante e o receptor, para tanto, o conceito de apropriação de Chartier (2002) nos permite compreender essa relação existente e ponderar as relações de dominação que se dão no plano cultural, em razão dos créditos concedidos ou negados aos sistemas de representação. Assim, ao pensarmos o conjunto de práticas utilizadas na classe experimental, o Ensino Personalizado e Comunitário de Pierre Faure, e os novos usos do tempo e do espaço, estamos abordando sobre a apropriação.

Compreendemos que as organizações de tempo e de espaço, do âmbito escolar em geral, são estratégias de controle disciplinar. Essas estratégias são encontradas na sala de aula, pela fixação de lugares e organização das carteiras em determinado molde, e/ou no pátio do colégio, pela presença de professores ou diretores a olharem os estudantes, e/ou pelo tempo, por meio da fixação de relógios e pela determinação da quantidade de aulas e atividades a serem trabalhadas. Porém, compreendemos também que as estratégias e os controles são apropriados e direcionados em diferentes maneiras, associando o método de ensino e suas esferas, seja pública ou privada, católica ou laica.

Como resultado da experiência de Luís Contier e das publicações de Pareceres e documentos em revistas e do empenho de educadores e intelectuais para a renovação pedagógica, os anos finais da década de 1950 são marcados pela organização, oficialização e autorização de classes experimentais no Ensino Secundário. Por intermédio da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP), organizada pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), são publicados os documentos imprescindíveis para a compreensão da renovação educacional que as classes secundárias experimentais representam. Na edição de número 72, correspondente a outubro-dezembro de 1958, é apresentado um texto, intitulado “Classes Secundárias Experimentais” (CLASSES..., 1958), no qual são anexados três documentos, sendo estes: (1) Exposição de Motivos do Diretor do Ensino Secundário ao Sr. Ministro da Educação e Cultura, escrito por Gildásio Amado (Diretor do Ensino Secundário); (2) Parecer do Técnico de Educação Adalberto Correia Sena, da Diretoria do Ensino Secundário, por Adalberto Correia Sena; (3) Instruções sobre a natureza e organização das classes experimentais da Diretoria do Ensino Secundário (CLASSES..., 1958). Esses documentos são resultados da V Reunião de Inspectores Seccionais onde, por unanimidade, foram autorizadas por meio da Portaria nº 1, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 1959 as classes secundárias experimentais (CLASSES..., 1958).

Justificadas por meio dos propósitos de renovação de ensino, de nova organização curricular, da experimentação de novos critérios de verificação de aprendizagem e de tornar o estudante agente do aprender e da escola, as classes experimentais possuíam estratégias próprias, características pré-definidas e estavam regidas por normas específicas. As características correspondem majoritariamente ao controle dessas classes, sendo, por meio da organização do espaço, ao indicar a aplicação em “colégios de idoneidade incontestável” (CLASSES..., 1958, p. 80), e ao limitar o número de estabelecimentos e de uma Classe Experimental por ciclo. Assim como do controle familiar, necessitando consentimento dos pais ou responsáveis e do controle estatal, pela necessidade de autorização do MEC, envio de relatórios e pela presença de um Educador Assistente designado pelo ministério. Contudo, não foi limitada uma metodologia a ser praticada nas classes experimentais, mas havia um conjunto de normas a serem seguidas, sendo as seguintes:

a) na organização dos currículos, ter-se-á em vista não a especialização nesta ou naquela direção de estudos, mas a preparação geral com sólido conteúdo de formação humana e maiores oportunidades de atendimento das aptidões individuais;

b) maior articulação do ensino das várias disciplinas e maior coordenação das atividades escolares;

- c) número máximo de trinta alunos em cada classe, para que o ensino se possa adaptar melhor a cada aluno;
- d) o número de professores nas classes iniciais do ginásio poderá ser reduzido para evitar os inconvenientes da transição brusca do regime primário para o secundário. Os professores terão assim convívio mais demorado com os alunos, podendo melhor examinar-lhes as tendências e exercer uma orientação mais eficiente;
- e) reuniões periódicas dos professores de cada classe para a apreciação da classe nos seus aspectos psicológicos e sua melhor e mais homogênea orientação pedagógica;
- f) possibilidade de opções que correspondam às aptidões dos alunos;
- g) acentuação da função educativa da escola, oferecendo para isso oportunidade aos alunos de maior permanência diária na escola e de participação nas atividades extracurriculares;
- h) atividade dirigida, planejada de modo que o aluno dela possa participar ativamente, para adquirir seu método próprio de trabalho e hábitos de vida conscientes e dinâmicos;
- i) articulação mais estreita entre professores e pais, tão necessária para a harmonia que deve existir entre as obras educadoras da escola e da família. (CLASSES..., 1958, p. 80-81).

Mediante a exposição das normas, pode-se compreender que as classes secundárias experimentais buscavam atender à formação integral e adaptada ao estudante. O número de trinta estudantes por turma oportunizaria o atendimento e desenvolvimento das aptidões individuais. Percebe-se que o currículo deveria abranger maior articulação do ensino entre as matérias, que as escolas deveriam organizar reuniões periódicas dos professores, de modo que pudessem acompanhar de forma mais próxima a turma e os estudantes. A escola deveria oferecer possibilidade que correspondessem às novas aptidões dos estudantes, com aulas de desenho, canto e música, estimular a iniciativa e o ativismo, e ensinar a liberdade por meio das atividades dirigidas. Uma nova função social deveria ser construída, a função educativa da escola deveria transgredir o espaço físico, compreendendo seu lugar social. Seria, portanto, necessário a elaboração de novos cronogramas educativos e ensaios de diferentes práticas pedagógicas, a gama de possibilidades era infinita, era de responsabilidade da escola e do corpo técnico a escolha do método pedagógico que adotariam.

Avelar (1978) nos faz refletir sobre a movimentação do grupo católico nesse período, que também estava se renovando e compreendia essa necessidade da renovação de ensino além de demonstrar uma maior influência da concepção humanística moderna de filosofia da educação. A principal influência das renovações educacionais para o grupo católico é a organização da Associação de Educadores Católicos (AEC), que, desde 1948, publicou a revista *Servir* e promoveu as Semanas Pedagógicas, realizadas em 1955, no Rio de Janeiro, no Colégio *Sacré Cœur*, e, 1956, em São Paulo, no Colégio *Sion* (AVELAR, 1978; SAVIANI, 2011).

Ambas as Semanas Pedagógicas, organizadas pela AEC, foram ministradas por Pierre Faure, um padre jesuíta francês, nascido em 1904. Os temas principais das Semanas Pedagógicas aproximam-se dos mesmos questionamentos levantados por Lubienska de Lernal, discípula de Maria Montessori, sendo estes a finalidade da educação, o desenvolvimento da consciência e responsabilidade, a coação e autonomia, a educação social, e a educação cristã do estudante (AVELAR, 1978). Além de dez livros e centenas de artigos publicados em revistas, Faure propôs um conjunto de práticas educacionais, intitulado "Ensino Personalizado e Comunitário" (KLEIN, 1998).

#### As classes experimentais e seus tempos

As classes secundárias experimentais do estado de São Paulo apropriaram-se sobretudo das *Classes Nouvelles* e do Ensino Personalizado e Comunitário, respectivamente para escolas públicas e privadas católicas. O coordenador responsável pelas classes experimentais no Colégio Santa Cruz foi o professor e padre Yvon Lafrance que, em 1963, publicou, em forma de relatório, o artigo "Uma experiência psico-pedagógica no Colégio Santa Cruz (1959-1962)" (LAFRANCE, 1963). Nesse relatório, o autor busca contextualizar o leitor sobre os motivos e intenções do Colégio ao aderir às classes secundárias experimentais, diz que o Colégio Santa Cruz buscou sempre manter-se longe "dum cristianismo edulcorado e medroso, retraído de si, fechado num mundo de utopias mascaradas com os mais altos valores do Evangelho", declarando a necessidade de uma abertura para o dinamismo vital, pois este leva o mundo "às grandes realizações da ciência e da cultura" (LAFRANCE, 1963, p. 7).

Para a realização e organização do currículo escolar das classes secundárias experimentais, bem como para qualificar um coordenador, o Colégio Santa Cruz enviou, em fins de 1958, o padre Lafrance para a realização de um estágio no *Centre d'Études Pédagogiques* de Paris, sob a orientação de Pierre Faure, aprendendo sua teoria e vendo sua prática. Além disso, o colégio, os professores e equipe pedagógica contaram com o auxílio de Pierre Faure no Brasil para a elaboração do "Plano Piloto" das classes secundária experimental. Então, deu-se início as classes experimentais no Colégio Santa Cruz, em 1959, para a 1ª série ginasial masculina – atual sexto ano do ensino fundamental. Houve sessenta candidatos para o ano letivo dentre estes foram sorteados trinta estudantes para fazer parte da classe experimental (LAFRANCE, 1959). Justificavam o sorteio com o mesmo viés que propunha Pierre Faure ao indicar novas propostas de ensino e lidar com a diversidade que começou a ocupar o espaço escolar.

Ao apropriar-se do modelo proposto por Faure, o Colégio Santa Cruz tinha como objetivo poder repassar sua "filosofia de vida" com as melhores formas, técnicas e métodos. Para os diretores o colégio não se deveria apenas ensinar aos estudantes matérias e conteúdo, mas era necessário construir o conhecimento com o estudante, desenvolver a autonomia, criatividade e, de forma integral, interligando o espírito, o corpo e a mente. Desta forma, debruçaram-se sobre o Ensino Personalizado e Comunitário para organizar os próximos quatro anos da experiência. O padre jesuíta elabora com muita erudição seu conjunto de práticas pedagógicas, disserta e elabora passos que possam tornar a educação mais diversa, pensa sobre o ensino através de pesquisa, novas formas de avaliação, conselhos de professores, atividades extraclasse e novas maneiras de usar o tempo e o espaço.

O tempo escolar deve ser tratado com suas pluralidades, compreender o institucional, o cultural e o individual. Compreendemos o tempo como uma construção social histórica, um produto cultural que implica determinadas vivências e experiências temporais. O tempo escolar é institucionalizado e compreende um tempo prescritivo e uniforme, que proporciona diferentes organizações e compreensões tal como uma arquitetura. Para conseguir organizar melhor o dia a dia docente e discente, Faure (1993) oferecia uma estratégia: a organização diferenciada do tempo. Os horários serviriam para a melhor progressão do estudante e do seu ritmo, não deveriam ser restritos, nem organizados nas minúcias de minutos; ele deveria fornecer maior continuidade e agilidade para o estudante desenvolver suas matérias e atividades, visto que não havia vantagem em interromper o impulso do estudante em determinada lição, nem dispersá-lo da ocupação de sua pesquisa. O trabalho do estudante deveria ser respeitado pelo professor e pelo programa, de forma a compreender o ritmo de cada um.

Segundo Faure (1993), os horários não seguiriam os moldes aos quais os professores e os estudantes estavam acostumados, não seriam mais divididos entre as matérias, mas deveriam ser flexíveis na atividade programada para o dia. Levava em consideração a pluralidade de matérias do curso ginasial e, por isso, indica que se deve levar em conta também as indicações de psicólogos. No Ensino Personalizado e Comunitário o autor indica que houvesse 20 minutos de intervalo entre as disciplinas com as cortinas e janelas abertas para ventilar o ambiente, pois assim o colégio forneceria aos estudantes um momento de descanso entre uma disciplina e outra. Com essa estratégia, a turma estaria concentrada e disposta para a continuação do dia de trabalho. Para a organização dos horários no Ensino Personalizado e Comunitário, Pierre Faure (1993) propunha que o período matutino das classes deveria compor as matérias de maiores esforços mentais, como português e matemática, além do trabalho pessoal dos estudantes. Além das matérias, o período da manhã deveria ter intervalos para jornadas ao ar livre, "saídas inteligentes, as excursões e descobertas cujo costume anda por demais esquecido, além de esportes e atividades físicas nos recreios" (FAURE, 1993, p. 68). O colégio deveria então propor um equilíbrio de atividades, tanto diárias quanto semanais; deveria organizar no dia a dia estudantil nos programas, jogos e momentos de recreação.

A organização do tempo criava consciência e valorizava o tempo, de modo que os estudantes acabavam por se conhecer melhor, descobrindo seus ritmos e organizando seus trabalhos. Faure (1993) propunha que os horários deveriam ser organizados semanal ou quinzenalmente, pois assim o estudante conseguia avaliar avanços ou atrasos e, por isso, a necessidade das fichas de trabalho. O estudante sabia o que deveria responder e entregar para o professor, ele tinha esse compromisso, pois se ele se conhecesse e soubesse suas condições, saberia onde deveria estar em determinado momento. Se estava muito à frente dos colegas, havia possibilidade de recuar e ir mais calmamente, ou ajudar outros colegas; se estava atrasado em relação aos outros estudantes, tinha a oportunidade de solicitar ajuda ou de se autocorriger. Os estudantes precisavam aprender a dividir o tempo, esquematizar o que aconteceria e se preparar. Se aprendessem isso quando jovens e se praticassem isso até o fim de seu ciclo escolar, sairiam da escola como um ser social que conseguia esquematizar e organizar necessidades futuras. Segundo Faure (1993, p. 66-67),

caso queiramos que os alunos se dediquem ao estudo, à fátia de estudo prevista em seu plano pessoal e correspondente a um ponto do conjunto da programação da matéria, caso queiramos que, guiados pelas indicações de trabalho, eles se documentem e leiam, observem e reflitam, se exercitem, sujeitem ao controle ou façam autocorrecções, partilhem o que descobriram e procuraram aprofundar, preciso é fornecer-lhes tempo!

O Colégio Santa Cruz buscou apropriar-se desses indicativos metodológicos para os quatro anos de classe experimental, tendo o currículo escolar dividido entre matérias básicas, complementares e atividades. Com o tempo dos estudantes dividido em quinzenas e organizado pelas fichas de trabalho, o colégio constrói instrumentos de trabalho que permitiam a organização e orientação dos recessos escolares e para os dias de aula. Dessa forma, permitiam que a família e os estudantes estivessem acompanhando o andar estudantil e, no caso dos estudantes, oportunizava-os de se prepararem espiritualmente para os conteúdos e matérias da quinzena. Compreende-se, por conseguinte que, assim como o espaço, o tempo é uma construção social e escolar.

Nas classes experimentais do Colégio Santa Cruz, a percepção e vivência de tempo alternaram-se, é desconectado com a tradicional divisão do tempo mensal ou semanal e cria-se uma nova cultura escolar também com uma nova organização temporal. Lafrance (1963, p.31) afirma que "desde o início das classes experimentais, vimos a importância de um planejamento racional do tempo conforme um ritmo natural de trabalho e descanso" (LAFRANCE, 1963, p. 31), seguindo, desta forma, os propostos pela proposta pedagógica fauriana. Ao organizarem o ano letivo, previram a disposição de feriados e estratégias quinzenais para o descanso, de sorte que os estudantes e os professores teriam duas tardes de descanso por quinzena, assim como a cada um mês e meio de aula, eram programados "grandes feriados" e férias durante o mês de julho.

As quinzenas corresponderiam eram constituídas de 12 a 18 dias letivos e, como as aulas eram programadas de segunda a sábado, todo fim de quinzena ocorria nos sábados. O Colégio havia adotado um sistema que permitia prolongar os dias letivos dos semestres até fins de junho e novembro. Conforme indicado, o período matutino correspondia às matérias "abstratas", que viessem a exigir maior comprometimento lógico do estudante como matemática, português e latim. É importante destacar que, na organização de cada matéria, também havia uma subdivisão em dois grandes momentos: o primeiro correspondia ao trabalho pessoal do estudante, com maior exigência intelectual; e o segundo, para o trabalho mais passivo das aulas, que corresponderia à aula coletiva orientada pelo professor (LAFRANCE, 1963).

O Colégio Santa Cruz funcionava em período integral, de modo que fornecia almoço para os estudantes. Após essa refeição, dava-se início à segunda parte do dia escolar, o qual igualmente era dividido em dois momentos: o primeiro era constituído por atividades motoras e sociais, incluindo educação física, trabalhos manuais e aulas em laboratórios; e o segundo período abordava o trabalho intelectual, sendo ministradas as matérias de história, geografia e outras línguas. Essa divisão de horários foi proposta por Pierre Faure concomitantemente com os professores e com o padre Yvon Lafrance, nas férias de 1959, antes de dar início às classes experimentais do colégio. Porém, Lafrance (1963) esclarece que nem sempre puderam seguir fielmente as indicações, mas que continuamente buscaram se aproximar dos critérios próprios.

Além do tempo da escola ou melhor da sala de aula da Classe Experimental, havia uma organização individual do tempo, conforme pode ser verificado na Figura 1.

Figura 1 – Ficha de organização do tempo

INÍCIO \_\_\_\_\_ SÉRIE \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

ANO \_\_\_\_\_ SEMESTRE \_\_\_\_\_ MÊS \_\_\_\_\_

ORGANIZAÇÃO DO MEU TEMPO

SEMANA A

Dia	7h30	9h10	10h40	13h05	14h20	15h50	17h00	18h00	noite em casa
Segunda									
Terça									
Quarta									
Quinta									
Sexta									
Sábado									
Domingo									

SEMANA B

Dia	7h30	9h10	10h40	13h05	14h20	15h50	17h00	18h00	noite em casa
Segunda									
Terça									
Quarta									
Quinta									
Sexta									
Sábado									
Domingo									

Fonte: Arquivo do Colégio Santa Cruz

Verifica-se na Figura 1 que a organização do tempo individual ultrapassava a esfera escolar (de segunda a sábado), pois esse documento demonstra a intenção do colégio de transpassar seus ensinamentos para o ser social do estudante. O tempo aqui é tratado como uma questão importante de organização e de ativismo, ideia decorrente do momento da renovação pedagógica, em que havia o desejo de fomentar a liberdade do adolescente. Tratava-se de uma liberdade responsável, controlada e com orientação dos professores, que deveria fazer parte do cotidiano escolar do estudante, relacionando-a com as atividades extraclasse e extraescolares – animação espiritual, intelectual, esportes, ambiente colegial e disciplina. A liberdade seria conquistada progressivamente com autodisciplina e autogoverno.

A organização do tempo era uma estratégia de liberdade, pois era tratada como uma forma de procurar no estudante a iniciativa para libertá-lo a ponto de aprender a realizar uma hierarquia e elencar prioridades a serem realizadas. Entendendo a escola como um lugar de produção cultural e formação de uma cultura escolar específica, as classes experimentais foram espaços construídos com significados e representações de distintos momentos educativos. Essas representações carregam uma interpretação determinada, que é resultado não somente da disposição dos tempos ou espaços, mas também da sua dimensão simbólica.

#### A renovação também acontece no espaço

A construção histórica e imagética do Colégio moderno começa na organização espacial, quando se contrapõe aos colégios tradicionais, apresentando um lugar bem cuidado, preservando espaços verdes ao redor do terreno e da escola com flores e árvores. Além disso, os prédios eram projetados com bases modernas e possuíam quadras poliesportivas. Levando em conta a configuração arquitetônica e espacial da escola, de pessoas e objetos, as classes experimentais do Colégio Santa Cruz foram estruturadas com características próprias. Localizavam-se no pavilhão central do terreno do colégio, possuía quatro salas de tamanhos padrões correspondentes a 9x7 metros, possibilitando a organização de um estudante por dois metros quadrados. As salas de aula contavam com iluminação natural através de grandes janelas, distribuídas nos dois lados das salas; na parede principal, um quadro verde côncavo, evitando reflexos solares das janelas; em outra parede, outro quadro livre para a organização dos estudantes. Nesses espaços, era possível o compartilhamento dos jornais e de exposições de trabalhos realizados pelos estudantes. As novas salas contavam com uma característica excepcional entre duas salas de aula havia uma porta, permitindo, assim, o contato entre as classes (LAFRANCE, 1963).

Lafrance (1963) nos dá o panorama espacial da classe experimental, onde os estudantes trabalhavam em mesas individuais, tendo armários individuais para colocar livros, cadernos e objetos; as mesas eram móveis e podiam ser dispostas da melhor maneira. Destacamos a importância de compreender a escola em sua dimensão educativa, se o espaço educa, o professor tem autonomia de modificar o espaço escolar ou de deixar como está (VIÑAO FRAGO, 1998). Nessa linha de pensamento, entendemos que os professores da Classe Experimental do Colégio Santa Cruz foram modificando e adaptando o espaço conforme suas experiências.

Em segundo lugar, é importante destacar que as salas experimentais produzem uma cultura escolar própria, com mecanismos e normas que deveriam conduzir as aulas durante o ano letivo. Percebe-se na Figura 2 a organização dos estudantes da classe em forma tradicional, a figura corresponde ao ano de 1961 e Lafrance (1963) afirma que as classes experimentais se modificaram ao decorrer da experiência. Acompanhando as mudanças, apenas nos dois primeiros anos os seminários aconteceram organizados em mesas redondas, o ato de reorganizar a disposição das carteiras fazia com que os estudantes se agitassem e causassem desordem na classe; assim, nos dois últimos anos da experiência, essa prática foi substituída, adotaram-se cadeiras quadradas e leves, mas em organização de fileiras.

Ainda sobre as modificações espaciais para a realização das classes experimentais, seguindo a pedagogia Personalizada, o Colégio Santa Cruz necessitaria das salas ambientes, conforme indicava Faure (1993). O colégio ofereceu aos estudantes três salas ambientes: a "sala de artes plásticas e trabalhos manuais", uma sala de 9x7 metros, com duas mesas grandes, armários individuais, estantes e ainda contava com uma porta, dando acesso direto ao jardim do colégio, onde estaria organizada outra mesa para utilização em dias de sol. A outra sala era a de ciências naturais, sendo separada nas áreas de biologia, física e química, os estudantes utilizaram desde o primeiro ano experimental esse laboratório. E a terceira era a "sala de projeção e música", uma sala com projeção de dispositivos para serem utilizados nas matérias de história, geografia e para os cineclubes, as salas possuíam além dos dispositivos de proteção, um piano e uma vitrola (LAFRANCE, 1963). Esses espaços proporcionavam aos estudantes uma maneira lúdica de aprendizagem, como podemos perceber na Figura 2.

Figura 2: Sala Ambiente



Fonte: Arquivo pessoal do ex-aluno Henrique Lindberg Neto

Verificamos, na Figura 2, que a mesa em que os estudantes estão é um conjunto de três carteiras móveis. Ao fundo da sala, um armário com livros disponíveis e, na parede ao lado, observa-se um quadro verde, características comuns a um ensino ativo que propunha uma renovação pedagógica, tal como Pierre Faure orientava. Compreendendo que o ensino ativo segundo o Ensino Personalizado e Comunitário partia do pressuposto de que o estudante construía seu conhecimento por meio de atividades práticas, de conversas e de momentos de socialização, pode-se considerar, segundo a Figura 2, que essa foi uma das questões a serem apropriadas pelo Colégio. Os estudantes, trabalhavam em dupla, em pé na sala e manuseando um material diferente do seu caderno e caneta, indicam trabalho em equipes.

Se a escola é um lugar e se um lugar é um espaço construído e educativo, podemos perceber, por intermédio das figuras apresentadas e das reflexões de

Lafrance (1963), que a educação pretendida na classe secundária experimental do Colégio Santa Cruz era múltipla. Por fim, destaca-se que as relações ocorridas no espaço e tempo escolar são constantemente construídas, adaptando-se às novas necessidades e formando uma cultura escolar específica da instituição, neste caso específico das classes experimentais do Colégio Santa Cruz. Conclui-se que tempo e lugar estão interligados quanto ao objetivo de educar da escola, que influenciam e possuem singularidades próprias de acordo com os mecanismos de que a escola dispunha.

### Considerações Finais

Compreender o tempo e o lugar de um determinado processo de escolarização não é tarefa fácil e tampouco conclusiva. Durante a realização da pesquisa, assim como no encaminhamento da escrita final, as fontes utilizadas, o caminho teórico elegido e as discussões historiográficas educacionais contribuíram fundamentalmente para dar início a outros percursos, fazer outras perguntas e instigar novos olhares sobre a classe secundária experimental do Colégio Santa Cruz de 1959 a 1962. Com base em uma compreensão social e comunitária, anseios em relação a uma formação educacional que oportuniza e amparados no Ensino Personalizado e Comunitário de Pierre Faure, o Colégio Santa Cruz implantou a classe secundária experimental, procurando inovar o ensino por meio da formação integral do estudante.

As classes secundárias experimentais, iniciadas em 1959 no Colégio Santa Cruz, representaram uma ruptura no campo do ensino secundário por trazer uma experiência baseada na educação voltada para um estudante autônomo, ativo e criativo, assim como para conteúdos com características mais práticas e menos teóricas e enciclopédicas. Buscava-se uma nova formação que adaptasse o estudante às mudanças vividas no presente e no futuro, que soubessem trabalhar em comunidade, que se organizasse e, acima de tudo, soubesse lidar com a própria liberdade. Pode-se afirmar que o movimento de atualização constante das práticas docentes e a abertura da escola para novas pedagogias demonstram que o Colégio Santa Cruz estava ciente da necessidade de mudança e estava aberto ao diálogo. Portanto, as apropriações do Ensino Personalizado e Comunitário na sua classe experimental não se deram apenas em um lugar específico e em tempo determinado, mas sim em toda a prática e lugar, inculcando uma cultura escolar que se movimentava e se constrói o tempo todo.

Embora tenha sido uma experiência breve, o experimento no colégio foi de suma importância para compreender as nuances da cultura escolar que se formou dentro e fora da escola. Pode-se dizer que foi um processo que culminou na formação de um novo perfil de estudante e de escola, uma nova concepção de educação que ficou registrado na História da Educação do Brasil do século XX. Por fim, destacamos que esta pesquisa ainda está em andamento, outras fontes podem vir a ser utilizadas para oportunizar ouvir outras vozes e outras memórias. Compreendemos que a história sempre se reconstrói e nunca é um trabalho acabado e conclusivo, mas sim contínuo e sempre aberto às novas interpretações e perspectivas.

### Referências

- AVELAR, Gersolína Antonia de. **Renovação Educacional Católica**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas** (Org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- CLASSES Experimentais no Ensino Secundário. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v. XXX, n. 72, p. 73-83, out.-dez. 1958.
- FAURE, Pierre. **Ensino Personalizado e Comunitário**. São Paulo: Loyola, 1993.
- KLEIN, Luiz Fernando. **Educação personalizada - Desafios e Perspectivas**. São Paulo: Loyola, 1998.
- LAFRANCE, Yvon. As Classes Experimentais no Colégio Santa Cruz. **Servir - Boletim da AEC do Brasil**, n. 3, p. 24-30, 1959.
- LAFRANCE, Yvon. Uma experiência psico-pedagógica no Colégio Santa Cruz (1959-1962). **Revista de Psicologia Normal e Patológica**, Ano IX, p. 421-521, Julho-Dezembro 1963.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.
- SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- VIEIRA, Letícia. **Um núcleo pioneiro na renovação da educação secundária brasileira: as primeiras classes experimentais do estado de São Paulo (1951-1961)**. (Dissertação mestrado em educação), Florianópolis, 2015.
- VIÑAO FRAGO, Antóni; ESCOLANO Agustín. **Currículo, Espaço e Subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.